

CONSTRUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO E METODOLOGIAS ESPECIFICAS PARA ESCOLAS QUILOMBOLAS: “UMA INTRODUÇÃO DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA”

Débora Alfaia da Cunha¹
(dalfaia@ufpa.br)
Gabriela Freitas da Paixão²
(gabipaixao_fr@hotmail.com)
Naiara de Souza Araújo³
(naiarasouzaufpa@hotmail.com)

RESUMO

Após muitos anos de resistência o Brasil enfim caminha para uma verdadeira aceitação de nossas raízes negras. A implementação da Lei nº 10.639, sancionada pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, tornou obrigatório desde 2003 em escolas das redes pública e privada, o ensino da história e cultura africana, a luta do povo negro, a história afro-brasileira e toda sua contribuição para a formação e desenvolvimento de nosso país, tanto em escala social, quanto política e econômica.

Para que essas escolas se adequem à legislação educacional vigente, elas terão de se adaptar a nova temática: “Historia e cultura afro-brasileira e africana” que deverá ser abordada em todas as disciplinas, principalmente em história, literatura e artes.

A lei tem como objetivo a reparação, valorização e superação dos preconceitos e atitudes discriminatórias com os negros, visando que se reconheçam na cultura local e nacional sentindo-se parte importante da mesma.

A responsabilidade pelo cumprimento e manutenção da lei fica a cargo dos conselhos de educação municipal, estadual e do conselho federal. Sua aplicação, porém, esbarra em muitas dificuldades como o despreparo dos professores, o preconceito arraigado em muitas instituições e a falta de materiais qualificados para o estudo da temática africana e afro-brasileira.

A Faculdade de Pedagogia do campus de Castanhal da Universidade Federal do Pará em consonância à lei educacional em vigor, iniciou um leque de Projetos relacionados à

¹ Professora Dr^a. em Educação e Coordenadora do projeto “Educação e ludicidade africana e afro-brasileira: Produção de material didático e metodologias específicas para escolas quilombolas” - LAAB.

² Graduanda da Faculdade de Pedagogia do Campus Universitário de Castanhal/UFPA.

³ Graduanda da Faculdade de Pedagogia do Campus Universitário de Castanhal/UFPA.

temática negra, sendo o presente trabalho focado no projeto: “Ludicidade africana e afro-brasileira- LAAB” que atuou no ano de 2011 em escolas da rede pública de ensino e em Comunidades Remanescentes Quilombolas, contando com a parceria da Associação de Consciência negra Quilombo (Asconq), 8º URE de Castanhal, docentes e discentes do curso de Pedagogia.

Nas escolas, o projeto contribuiu com a formação inicial e continuada dos professores, discutindo a implementação da Lei nº 10.639/03 e introduzindo um pouco da cultura, história e ludicidade africana e afro-brasileira. Para isso, o projeto esteve em constante contato com comunidades quilombolas, a fim de aprender e conhecer cada vez mais acerca de suas memórias e tradições.

Para que a divulgação do tema e também do projeto alcançasse o maior número de pessoas possível, foi lançado o site LAAB – “Ludicidade Africana e Afro-brasileira (<http://www.laab.ufpa.br>)” abordando questões relevantes sobre assuntos relacionados à temática.

Foi trabalhada a questão da ludicidade por acreditar-se que através dela, as fronteiras de sala de aula podem ser transpassadas, devido ao “novo olhar” atribuído pelo lúdico à assuntos estigmatizados pela sociedade, como é o caso das questões africanas e afro-brasileiras.

Para que se possa trabalhar essa temática em sala de aula, é necessário superar nos professores, a visão pessimista que foi construída e adotada pelo senso comum, afim de realmente conseguir que esses educadores transmitam a seus alunos valores positivos e enriquecedores. Esse será um processo facilitado com o auxílio da ludicidade que tratará o assunto com mais leveza, mostrando a esses professores, que África não é só pobreza, guerras, epidemias e fome como nos foi passado durante anos. Uma vez desconstruídos esses pensamentos nos professores, as crianças receberão um ensino livre de racismo, e terão a oportunidade de criar e “viajar” dentro da história que de certa forma também é sua.

Além do mais, o lúdico, através dos jogos e brincadeiras trabalha valores civilizatórios, pois envolvem a interação, socialização e cooperação entre os indivíduos, tornando o ensino mais prazeroso e acessível para alunos e professores. (PORTAL, 2011).

Foram desenvolvidas diversas oficinas com jogos de tabuleiros e de mancalas, palestras e rodas de conversa tratando a temática africana e afro-brasileira, direcionados aos discentes do Campus de Castanhal, professores da rede pública e também às comunidades

quilombolas, que mostraram-se bastante receptivos e interessados em cooperar com a realização das atividades propostas.

Assim, o projeto obteve êxito em suas ações no decorrer do ano de 2011, tanto que foi reeditado para o ano de 2012. A nova versão, agora mais abrangente, intitula-se: “Educação e Ludicidade Africana e Afro-brasileira: Produção de material didático e metodologias específicas para escolas quilombolas”, e tem como objetivo, através do resgate da cultura africana e afro-brasileira e a ampla participação das comunidades envolvidas, elaborar materiais didáticos para serem usados em sala de aula com um de seus propósitos em auxiliar essas comunidades a contar suas histórias e assim fortalecerem sua identidade negra.

Traz como objetivo também, ampliar as pesquisas sobre ludicidade africana e afro-brasileira – pois muito do que se tem em ludicidade no Brasil, emana de origem europeia – e verificar como ela pode contribuir tanto dentro como fora do contexto escolar, desmistificando ideias e relacionando o “brincar” ao aprender, pois muitos ainda veem a introdução da ludicidade à educação, com maus olhos.

Por fim, objetiva-se manter a formação inicial e continuada dos professores para a educação das relações étnico-raciais, sendo o foco agora especificamente as escolas quilombolas, pois espera-se que com o desenvolvimento dos trabalhos propostos, as crianças aprendam desde cedo sobre suas origens. Passem então a se valorizar, valorizar sua cultura, suas histórias, lutas e seus ancestrais que batalharam para que hoje eles gozem de autonomia e liberdade.

Mostra-los através dos materiais didáticos confeccionados, toda a riqueza da cultura de um país que hoje é considerado o “berço” da humanidade. Um país que muitas contribuições deixou para a formação de outras culturas, principalmente a cultura brasileira que “respira” África na musicalidade, danças, brincadeiras, culinária, cores, lendas, esportes, etc.

Despertá-las o verdadeiro orgulho de serem quilombolas, de não terem vergonha de se assumirem como negros, guerreiros, protagonistas de uma história de luta, de um povo que sofreu, porém não desistiu e venceu e vem ainda vencendo muitas batalhas. Prova disso foi a constituição de 1988 com decreto nº 4.887 que determinou no artigo 68 a legalização da posse de terras a essas comunidades: “Aos remanescentes das comunidades que estejam ocupando sua terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”; e recentemente a implementação da Lei nº 10.639 que dará a oportunidade de mostrarem-se como realmente são, e livres do estigma que lhes foi imposto.

Nesse ano o projeto vai procurar fazer muito mais do que simplesmente repassar conhecimentos acerca da cultura negra que ainda é taxada de história esquecida e desprezada por puro desconhecimento da mesma; vai buscar despertar através da educação, as tradições adormecidas e a beleza de um povo que durante anos ouviu piadas, chacotas e histórias mal contadas sobre suas origens, e talvez por isso mesmo, passaram a desenvolver uma espécie de vergonha, medo e resistência contra suas próprias raízes. E o pior, é que durante muito tempo a “história oficial” pregou dentro e fora das salas de aula, uma relação extremamente racista que mostrava o povo africano de maneira superficial, diminutiva e inferior.

Dai a importância de tal projeto, uma vez que ele atuará diretamente nas escolas quilombolas, mostrando primeiramente aos mais interessados – os próprios negros quilombolas – a beleza existente em sua cultura, tratando de desconstruir visões preconceituosas que permeiam sua existência. Essa é uma iniciativa importante, pois se pretende acabar ou pelo menos reduzir o racismo e o preconceito existente, o ideal é começar a eliminá-lo entre os próprios negros. Como diz Reis: “Enquanto o negro brasileiro não tiver acesso ao conhecimento de si próprio, a escravidão cultural se manterá no país”.

Para que se possa, porém, implementar qualquer iniciativa em comunidades que não se está acostumado a trabalhar, é preciso antes de mais nada conhecer e compreender as relações que os membros da comunidade mantem entre si, com a natureza, território, etc. Numa comunidade quilombola não é diferente. Por isso se faz necessário elaborar um levantamento da realidade e as diversas organizações existentes no território, pois cada comunidade embora possua uma mesma origem, carrega consigo suas especificidades.

Por esse motivo, o projeto vai buscar manter constante contato com as comunidades envolvidas, para que se fortaleçam os laços de amizade e confiança entre ambos.

O projeto contemplará professores e alunos de maneira bem dinâmica e lúdica através do convívio cotidiano com os materiais elaborados especificamente para a comunidade de acordo com suas necessidades e faixa etária, com o intuito de que os negros se reconheçam nos materiais, nos jogos, histórias e sintam-se a vontade para compartilhar suas experiências conosco, sem que para isso, sintam-se forçados e impostos a nada.

Infelizmente, hoje se sabe que muitas dessas comunidades quilombolas já sofreram o processo de aculturação e absorveram muitos traços culturais externos, “deixando” com se perdessem muitos de seus pontos culturais, a fim de serem aceitos pela sociedade Branca “dominante” (RIBEIRO, 2012).

Quando se fala em elementos da cultura afro como os orixás – divindades ou semideuses guardiões dos elementos da natureza – por exemplo, a maioria dos jovens e também dos adultos não sabem de sua origem e muito menos do que se trata, e muitas vezes ainda, nem gostam de tocar no assunto, pois não querem assumir-se como descendentes de negros escravos. O processo de aculturação e branqueamento sofrido em algumas comunidades foi tão intenso, que muitos usam das mais variadas artimanhas para aproximarem-se o máximo possível da figura de pessoas Brancas, que chegam muitas vezes a virarem “figuras” caricaturadas e mascaradas, e o pior, totalmente sem identidade. São vítimas do racismo cultural que se manifesta ou é percebido através da estética, da religião, dos valores, da música, dos costumes e da filosofia, que prega como superior os traços vindos da cultura europeia (AMARAL, 2004).

Então o projeto vai intervir também nesse aspecto de resgate da identidade e autoestima do negro, mostrando pontos positivos que permitam valorizar a diferença, uma vez que deve ser preservada a identidade cultural de cada povo, respeitando-os em suas singularidades, afim de que se mantenha uma diversidade que os enriquece em seus aspectos individuais e gerais (MAMBERTI, 2004); pois o projeto vem de encontro a ideologia homogeneizadora do branqueamento que visa padronizar e classificar o indivíduo na sociedade como sendo capaz ou incapaz de algo, somente por sua cor de pele. Por esse motivo intenciona-se através da educação e ludicidade, repassar de maneira acessível a identidade da cultura africana e afro-brasileira às comunidades quilombolas.

Após muitos anos de constante luta, essas comunidades vem adquirindo vários direitos reconhecidos por lei, com órgãos específicos para tratar e defender de suas questões de interesse. Por esse motivo, torna-se ainda mais importante a inserção da educação nesses locais, para que eles fiquem cientes do que tem direito e passem então a reivindicá-los. A exemplo desses órgãos, temos a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), criada em 2003 e responsável pela formulação, cooperação e articulação de políticas e diretrizes para promoção da igualdade racial e proteção dos direitos dos grupos raciais discriminados, com ênfase na população negra; posteriormente em 2004, o Ministério da Educação criou a Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) que tem como objetivo, desenvolver e implementar políticas de inclusão educacional assegurando o respeito e valorização de nossa diversidade étnico-racial. E mais recentemente, em 2011, iniciou-se um processo de elaboração para criar as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola”, pelo Conselho Nacional da

Educação, visando orientar o sistema de ensino afim de que através de constante diálogo, se possa colocar em prática essa educação quilombola, de acordo com a realidade sociocultural e política de cada comunidade.

Esse porem é um processo longo, que contará com a participação do poder público (Estado), educadores, pesquisadores, líderes de movimentos sociais, e os próprios quilombolas, que abordarão questões como: projeto político pedagógico, proposta curricular da escola, formação inicial e continuada dos professores, gestão escolar, entre outros de forma que preserve-se as especificidades, histórias, realidades e vivências das comunidades quilombolas. Após esse trabalho, o texto das Diretrizes será então concluído e pronto para ser utilizado pelos sistemas de ensino de todo país.

Antecipando-se a esse processo, o projeto “Educação e Ludicidade africana e afro-brasileira” como já foi dito, pretende contribuir desde já com a formação continuada dos professores juntamente à elaboração de materiais didáticos voltados para o cumprimento da lei 10.639/03, e buscar encontrar uma metodologia adequada com o auxílio da ludicidade, para que todos em suas mais variadas formas de aprendizado tenham acesso à educação, firmando-se assim um compromisso de combate à desigualdade racial.

Referências

SILVA, Delma Josefa da. **EDUCAÇÃO QUILOMBOLA: Um Direito a Ser Efetivado.** Disponível em:

http://www.institutosumauma.org.br/imagem/arquivo/Cartilha_Educao_Quilombola__um_direito_a_ser_efetivado.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2012.

FONTE, Patrícia Lopes da. Consciência Negra.

Disponível em: <<http://www.projetospedagogicosdinamicos.com/negro.htm>>. Acesso em: 27 jan. 2012

CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CNE) (Brasil). **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola:** algumas informações. Disponível em: <<http://www.seppir.gov.br/destaques/Cartilha%20Quilombola-screen.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2012.

PORTAL, Raquel Leandro. **Diversidade cultural: A valorização através do lúdico.** [mensagem pessoal] Mensagem recebida por: <gabipaixao_fr@hotmail.com>. em: 30 jan. 2012.

ARRUDA, Jorge. **Educando pela diversidade afrobrasileira e africana.** João Pessoa-Paraíba: Dinâmica, 2006.

AMARAL, Assunção José Pureza do. **Da Senzala à Vitrine: Relações raciais e racismo no mercado de trabalho em Belém.** Belém: Cejup, 2004.